

"PESPECTIVAS DE PESQUISA PARA A PSICOPEDAGOGIA. O ESTUDO DA PSICOPEDAGOGIA COMUNITÁRIA, UM CAMPO EM DESENVOLVIMENTO"

*Palestra apresentada por Maria Luiza Leão,
representando o TEKOA, Centro de Estudos da Aprendizagem, em mesa redonda com outros
centros cariocas (NOAP, Pró-Saber, Ceperj) no
2º Simpósio do Rio de Janeiro e 1º Encontro Internacional de Investigação no Campo da
Psicopedagogia, em abril de 2008.*

A questão central dessa mesa é falar de pesquisa, mais precisamente de perspectiva de pesquisa no campo da psicopedagogia, aqui tomada como um campo de estudos (quer teóricos, quer práticos) e mais focalmente num sub-campo que estamos chamando de psicopedagogia comunitária.

Perspectiva, dicionário de sinônimos Houaiss : entre outros vocábulos temos: *expectativa, esperança, expectativa, possibilidade, promessa*

O meu discurso, em consonância com essa mesa, deverá abordar questões tais como: podemos esperar algo? Há possibilidades de se pesquisar?

Perspectiva aponta pra um futuro. Qual ou quais são as direções?

Abordaremos então essa questão de possibilidades, de direções de um modo geral, de pesquisa no campo de estudos da psicopedagogia, e especialmente na perspectiva, na direção, da psicopedagogia comunitária.

O que entendemos por psicopedagogia comunitária?

Começemos pela questão de pesquisar, para entrarmos no assunto do ato de pesquisar em psicopedagogia e mais particularmente do ato de pesquisar em psicopedagogia comunitária, para então abordarmos o que estamos fazendo nesse sentido no Tekoa, que é uma escola de psicopedagogia.

Para iniciar, precisamos lembrar que não é uma tarefa fácil, banal, pesquisar, pois essa empreitada demanda toda uma postura, uma disciplina, hábitos de registro de linguagem, especialmente de escrita.

Não é uma tarefa banal, corriqueira, encontrar um problema de pesquisa. Todo ato de investigação inicia-se pelo levantamento de um problema, de um fenômeno passível de pesquisa. Esse fenômeno não nos aparece como num passe de mágica, prontinho em nossa mente, como numa visão ou num chamado. Ele é buscado, procurado, lapidado, rejeitado, re-achado... Podemos ter um "insight", uma visão mas, em geral, porque em nosso espírito já está inscrito todo um percurso de instalação de um problema. Quando caiu uma maçã na cabeça de Newton e ele teve um "insight", nesse caso, alegórico ou real, já era para propor uma hipótese teórica, uma lei da Física -a lei da gravidade- o

"pensador" em questão já devia estar com seu objeto de pesquisa bem amadurecido em seus pensamentos... Maças sempre caíram e caem, no chão ou até em cabeças... mas devem que cair na cabeça certa, onde já está plantado um espírito investigativo em certa direção, para que esse fenômeno natural de "queda" constitua-se numa prova empírica, numa inspiração de colocação de problema, na criação de uma hipótese, de uma tese...no sentido científico..

A procura de um problema, de um objeto de pesquisa, já nos impõe uma atitude de investigação de cunho científico. Circunscrever bem um problema, achar um bom objeto de pesquisa (sabem bem disso os mestrandos e doutorandos) é o caminho para uma pesquisa consistente e, pesquisas consistentes são as que podem fundamentar campos de conhecimento, que por sua vez, alimentam intervenções, que por sua vez, produzem fenômenos que podem alimentar pesquisas.... Intervenções e teorias para continuarem consistentes precisam alimentar-se mutuamente, propiciando complementaridades e rupturas, correções, abandonos que podem levar a avanços.

Como se dá esse processo no campo de estudos da psicopedagogia (objeto desse evento científico) e mais precisamente na perspectiva da psicopedagogia comunitária objeto dessa mesa? E qual o esforço realizado em nossa instituição, Tekoa, nesse sentido?

Falemos então primeiramente do nosso objeto de estudo: a psicopedagogia

O objeto de estudo da psicopedagogia é a aprendizagem humana, que consiste de um fenômeno complexo a ser explicado e não em uma instância explicativa; daí não poder, em si, constituir-se num objeto de pesquisa no sentido estrito. O objeto de investigação da psicopedagogia torna-se então, o pensamento subjacente ao ato de aprender e conhecer, produtor de cultura. Esse fenômeno, o pensamento no ato de conhecer, mostra-se complexo, multifacetado, englobando o sujeito do pensamento, o pensamento do sujeito (fenômenos de cunho intrapsíquico, já com bastante complexidade) e os conteúdos resultantes desse ato. No sentido interno, do sujeito, esse pensamento, em funcionamento, produz uma estrutura estruturante que é o próprio pensamento num sentido mais amplo e completo, aí inseridos o sistema cognitivo do proposto por Piaget e o sistema desiderativo da psicanálise ; e num sentido externo, de alteridade, o pensamento no ato de conhecer produz os conhecimentos, os saberes, a cultura "repropriada", "resginificada", "reelaborada" constantemente por esse pensamento. Ainda fazem parte do estudo da psicopedagogia todo o contexto de interação do sujeito nesse ato de aprender, todo o contexto de transmissão que é a comunidade e suas instituições tais como a escola, a família etc.

Falemos então da Psicopedagogia comunitária:

Vejamos do Aurélio, o significado de **COMUNITÁRIO**: *Respeitante à comunidade, considerada quer como estrutura fundamental da sociedade, quer como tipo ou forma específica de agrupamento.*

COMUNIDADE: algumas acepções mais adequadas no nosso caso:

- 1- *Qualidade ou estado do que é comum; comunhão.*
- 2- *Concordância, conformidade, identidade.*
- 3- *Posse, obrigação ou direito em comum.*
- 4- *O corpo social; a sociedade: As leis atingem toda a comunidade.*
- 5- *Qualquer grupo social cujos membros habitam uma região determinada, tem um mesmo governo e estão irmanados por uma mesma herança cultural e histórica.*
- 6- *Qualquer conjunto populacional considerado como um todo, em virtude de aspectos geográficos, econômicos e/ou culturais comuns.*
- 7- *Grupo de pessoas considerado, dentro de uma formação social complexa, em suas características específicas e individualizantes.*
- 8- *Grupo de pessoas que comungam uma mesma crença ou ideal.*
- 12- *Sociol. Agrupamento que se caracteriza por forte coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos.*

Abordemos então perspectivas de pesquisa no campo da psicopedagogia comunitária:

No TEKOA, Centro de Estudos da Aprendizagem RJ, temos alguns projetos nesse sentido uns de intervenção prática como o projeto social do Núcleo de Atendimento e outros de pesquisa integrantes do Núcleo de Pesquisa, como o projeto "Circulando Memória", que encontra-se em sua fase piloto, entre outros, como "o Ensino Comunitária" e o "Pense Nisso". O que eles têm em comum? São projetos que levam em conta a dimensão da coletividade sendo abordada em sua especificidade.

Observamos que atualmente, em nossa sociedade, se tem evitado em falar "o pessoal da favela" e sim, temos usado a expressão "o pessoal da comunidade X". Esperamos que essa terminologia não se restrinja a um eufemismo criado para se atenuar as diferenças e os preconceitos, mas que implique, antes de tudo, numa nova visão e tentativa de resgate de uma dignidade e respeito ao modo de ser e de ver o mundo de cada grupo.

Num esforço de levantar questões, fenômenos e hipóteses advindas da nossa reflexão permanente e disciplinada feita em grupo- o Grupo Tekoa- vamos apresentar algumas questões como perspectiva de pesquisa relativas ao nosso projeto social "*Prazeres de aprender*".

Antes de mais nada, para falarmos de perspectivas de pesquisa advindos de nosso projeto social, é bom clarear o contexto geográfico e social das populações que atendemos em nossos consultórios, no Tekoa, isto é, as características das comunidades com as quais trabalhamos: No projeto chamado "Prazeres de aprender" atendemos comunidades urbanas procedentes de bairros na maioria da Zona

Sul do Rio de Janeiro. Fazendo então um recorte da população do nosso projeto social temos: estudantes, advindos da rede pública de ensino, na maioria do Município, com dificuldades de dar conta, financeiramente, de um diagnóstico e de um tratamento psicopedagógico em consultórios particulares, vários deles habitantes de favelas. Esse grupo diferencia-se dos clientes da nossa clínica particular e de nosso atendimento popular (destinado a uma população com mais dificuldades financeiras diante do custo dos atendimentos, mas que, não necessariamente, pertencem à rede pública de ensino). Essas diferenças, essas especificações, esses recortes, refletem a situação de nossa comunidade mais geral da cidade do Rio de Janeiro e do nosso país, Brasil. Essas reflexões e detalhamentos são importantes no caminho de aproximação dos fenômenos e dos objetos de pesquisa passíveis de serem abordados. Dentro da clínica psicopedagógica quais as questões que podem ser levantadas que sejam de interesse para uma pesquisa de cunho comunitário? Sentimos desde já que a pesquisa aí é de cunho teórico-prático, buscamos conhecimentos para atenuar o sofrimento humano (como disse Konder na sua interlocução em 2000), mas sem abandonar a ocasião para se desenvolver conhecimento pela paixão de se saber mais, qualidade humana, que pode ser uma experiência sublime.

Ao falar numa abordagem clínica relativa às nossas clientelas, pensamos diretamente em classes sociais e na tentativa de se estabelecer correlações, imediatamente surge então a pergunta: quais são as semelhanças e quais as diferenças entre as diversas comunidades que recebemos, quando a diferença social define fenômenos diversos e quando essa especificidade não faz diferença nos processos clínicos reforçando o caráter intra-psíquico dos fenômenos como possivelmente de cunho mais geral, ou da comunidade mais geral (agrupada por idade, pela nacionalidade, pela realidade humana de um modo geral). Quando notamos diferença quem sabe estamos falando de condições e oportunidades diferenciadas? Por exemplo: Como se estabelece a questão da colocação da função materna e paterna no terreno do sintoma de aprendizagem; questão que nos remete a pensar no paradigma relativo ao Édipo e sua elaboração e também na temática da castração, no que essas questões possam ter a ver com aprendizagem daquele indivíduo e daquele grupo familiar. Ou ainda, o que esses paradigmas psicanalíticos podem ter a ver com um sintoma mais específico no sentido da operatividade, como por exemplo, quando os resultados de alguns cálculos faltam constantemente um (-1) ou se agrega constantemente um (+1). Quando, em outro exemplo, se evita constantemente se submeter às regras do código linguístico, à lei do Outro, da cultura e não se aprende a ler... Notamos que no funcionamento sintomático, especialmente relativos às leis, pode haver a troca, a perversão nas operações, e nesse momento uma operação lógica, pode se tornar dramática, como quando as operações de juntar ou separar, necessárias aos cálculos e a leitura e a escrita, revestem-se de sentido particular, simbólico-desiderativo-dramático. Ou quando

observamos que na passagem da etapa II do tratamento para a etapa III, na classificação proposta pelo prof. Visca, isto é o sujeito pede frequentemente, durante as sessões, para ir ao banheiro para "fazer cocô"... qual a relação disso com a conquista clínica de se poder ser sujeito de sua aprendizagem.? Essa conduta pode ser vista como um fenômeno clínico? Pode vir a ser um objeto de pesquisa?

Observamos na prática dos atendimentos e supervisões, que essas condutas são as mesmas nas populações socialmente diferenciadas que recebemos? Notamos que nas questões estruturais e de funcionamento intrapsíquico, as condutas clínicas se mostram muitíssimo semelhantes. "Ufa!" senão poderíamos supor que estamos falando de "espécies" diferentes... Com relação a certas operações dramáticas notamos que as defesas e resistências ao tratamento enquanto tais são absolutamente semelhantes, o que pode variar eventualmente é o conteúdo veiculado nessas operações que podem ser específicos de cada grupo, socialmente diferenciado Ex: Chega-se atrasado, ou não se chega à sessão, devido ao trânsito, passeio da escola ou viagem, nas comunidades mais privilegiadas socialmente, e alega-se atrasos e faltas, nas comunidades mais populares, devido a tiroteios e confusões desse gênero em suas comunidades (apesar desses cenários volta e meia aproximarem essas comunidades, já que inseridas também em contextos comuns: a cidade com seu trânsito e sua violência, atingindo a todos).

Um fenômeno que têm nos chamado a atenção em termos, agora de diferenciação, ainda num nível da observação e num patamar de pré-saber, é o fato de que notamos uma melhora muito rápida, no sentido das transformações de condutas, com as crianças e famílias do projeto social, se bem que o fenômeno pode ocorrer também com os outros clientes. Aí levantamos a questão que pode ser aprimorada para vir a ser uma hipótese e talvez um problema de pesquisa: Será que o cenário, esse sim muito diferenciado, do enquadramento clínico que é apresentado a essas crianças, adolescentes e famílias da rede pública e também às escolas públicas (porque vamos à escola e as vezes outra equipe pode mesmo na intervir na instituição) estaria influenciando nessa conduta clínica? Esclareço: os clientes do projeto social (muitos advindas da Rocinha) são atendidas sob a mesma postura clínica que os outros clientes e com um enquadramento clínico bastante semelhante. Recebemos desde a queixa telefônica do mesmo modo, a sala de espera é comum, as famílias das diferentes comunidades se conversam na mesma sala de atendimento. A diferença se faz no preço do tratamento que é relativo ao poder aquisitivo dos clientes e a frequência, que em geral é de apenas uma vez por semana para esse grupo. No entanto, mesmo com uma frequência com tendência a ser mais reduzida, notamos, nessa experiência clínica de nove anos, que os resultados aparecem muito rapidamente, quando a família e o cliente vinculam-se ao tratamento e, em especial, quando contamos com um novo olhar e apoio da escola. Assim, como perspectiva de

pesquisa comunitária, poder-se-ia propor a correlação entre um atendimento clínico com um determinado cenário, com um determinado enquadramento, que se diferencia da maioria dos atendimentos públicos destinados a população de baixa renda. Até que ponto a criança e a família sentindo que são tratadas do mesmo modo das famílias mais privilegiadas sentem-se prestigiadas? Isso poderia influenciar nos resultados terapêuticos? Como realizar um estudo comparativo com outros tipos de atendimento a essas populações? Bastam se fazer algumas perguntas para os clientes e as famílias atendidos por diferentes tipos de instituições privadas e públicas para se ter a opinião deles? Isso auxiliaria? Teríamos que fazer um estudo comparativo de controle? Como? Isso seria possível? Essa pesquisa seria útil para melhorar nossa visão teórico-prática e melhorar nossa intervenção e estudos teóricos? Por que? Qual a ideologia que há por trás da pesquisa visada? Então, numa perspectiva de pesquisa, tem-se que, recortar bem claramente o problema, saber porque o fazemos, para então se fazer as adaptações metodológicas possíveis de coleta de dados - Estudos de caso? Questionários? Pesquisa de controle de variáveis... Para depois pensarmos no tratamento dos dados, na análise dos conteúdos levantados, para tentarmos obter conclusões consistentes.

Agora vou abordar um projeto de pesquisa do nosso Núcleo de Pesquisa propriamente dito:

O projeto "Circulando memória" destina-se a uma comunidade mais rural e se constitui num projeto de pesquisa mais encorpado que já tem seu objetivos, objeto de pesquisa e justificativa definidos. Encontra-se na fase piloto de coletas de dados para que possamos afinar, a partir do conteúdo colhido, a técnica de intervenção, isto é, nosso método de coleta de dados. A idéia é de se desenvolver, inspirados na técnica de grupos operativos proposta por Pichon Rivière, uma técnica de intervenção psicopedagógica comunitária com o intuito de se poder registrar os saberes de uma comunidade, nem que seja a título de resgate e/ou registro histórico, para fazer circular os saberes intra-comunitariamente, inter-institucionalmente, inter-geracionalmente. Na experiência piloto, realizamos uma entrevista com uma senhora de 83 anos, reconhecida pela comunidade de Valença, no Estado do Rio, como conhecedora de ervas medicinais (plantio, colheita, preparo e administração dos produtos), conhecimento bastante complexo.

A entrevista foi realizada por mim com o apoio de um, por nós batizado, "agente polinizado" (que é alguém da comunidade, de uma geração mais nova) que gravou, transcreveu e sintetizou a entrevista, funcionando como observador e participante do processo. Já aí acontecendo troca de saberes. No próximo passo, pretendemos filmar as entrevistas, e o "agente polinizador" vai também filmar a entrevista (seria como ver de fora sendo de dentro).

Essa pesquisa está em início de um processo. A partir dos dados colhidos nessa primeira etapa, pretendemos entrevistar outras fontes de saber tradicional da região, principalmente aqueles saberes transmitidos oralmente que estão mais ameaçados de se extinguirem. A idéia é podermos confrontá-los com os saberes e modalidades de transmissão e de aprendizagem de outras instituições de conhecimento daquela comunidade tais como: Embrapa, faculdades, postos de saúde, vendedores de produtos agrícolas, fazendeiros... sendo o ponto de partida os saberes dessas fontes mais tradicionais e populares...

O Tekoa está se aventurando nessa pesquisa mais comunitária, lembrando da importância desse campo de estudos para o desenvolvimento da valorização da nossa cultura de um modo geral.

Tekoa quer dizer aldeia em tupi-guarani e Koa (ensinar e aprender – um verbo só). Nós aprendemos e ensinamos forçosamente em aldeia, em comunidade. O ato de transmissão se dá aí. É o grande Outro, a cultura de um povo, que está em jogo, culturas semelhantes e diferenciadas que, depois de tanta globalização, parece que temos todos sede de um pouco de especificidade. Não se nasce com a inscrição genética que garanta o sobreviver e, é a cultura que substitui a função de instinto - perdido- no homem, enquanto inscrição de conteúdo e de condutas de sobrevivência. A função básica da aprendizagem é permitir a sobrevivência de grupos humanos, numa cultura, numa comunidade, numa sociedade e reproduzir essa cultura através da transmissão externa. Daí pensamos na importância do reconhecimento e da circulação dos conhecimentos intra e inter-comunitariamente, respeitando-se as diferenças de cada grupo; e a importância de se desenvolver estudos e técnicas de intervenção comunitária, uma vez que observamos uma tendência mundial a um interesse pelas especificidades culturais (culturas indígenas, culturas populares, resgate de rituais e línguas...etc). Parece que em momentos de impasse, de crise, procuramos voltar para o conhecido, para as tradições em busca de saídas e soluções. Vamos em busca de novas-velhas possibilidades...

O nosso projeto encontra-se escrito, pronto. Aprecio muito o que está ali colocado. Vocês podem nos perguntar mais... Temos, nesse momento, grande motivação para seguir com ele. Vamos ver no que vai dar. A Sonia Gouvêa, a nossa coordenadora de mesa, é uma participante extremamente ativa e fundamental desse projeto de pesquisa.